

POEMAS.

SONETO INEDITO. (1)

Seja de leve a terra, e
Corajoso escriptor, da penna
Outr'ora ella te vio, sem
Regar da liberalidade o trazo.
Prigos venceste, subjugaste
Ao despotismo audaz loquax
Viste de bençãos mil, de
Triumphar a razão, moço
Ah! se podem soar nas
Os tristes echos do mar
Que em nós desperta a
Attende lá do empyreo
A dôr pungente, e lugubre
Do Brasil que em perdas

SAUDADES DO PIRAHY

Lá, nessas serras, onde as
Enchem de aroma o ar, e
Lá, nos regatos, onde a
Conversa c'as pedrinhas

Abrçada c'as arvores das
Os perfumes no ar bebendo
Beijando pelo chão, e ouvindo
Conversar c'as pedrinhas

Jaz minha alma saudosa —
As montanhas se cobrem
As brisas beijão suspirando
E as florestas acordão sem

O bacharel José Joaquim
Veiga, vulgo — o boi, do
Curso Juridico de S. Paulo,
publicação do «Correio Veiga»,
p. p., transcripta de um
estado como natural da pto
nas Geraes, foi oriundo de
e allí baptisado na freguesia
a 19 de Julho de 1812. A
nunca foram publicados
na occasião do assassinato
Baptista Badaró, redactor
Paulistano, circulou em
tre os seus contemporaneos
sema inserto, que hui
serva na memoria.

Le pela mont' — o amado cen
— o azul do céu, e o tallez, e os pallôres
De trôpo — mentes do luar se espazem
Intimidade — prazer no seu ou dores.

Le pela terra, e pelo ar e lymphas,
E lá, das alvoradas nos rubores,
Le pela raios do luar e estrellas
Vista minha alma a se lanhar de amores.

S. Paulo, 5 de Agosto de 1859.

ZORASTRO AUGUSTO PAMPLONA.

A VERGUEADA PELO

Ingloz por demais curioso.

1.ª na Escola Imperial dos Surdos Mudos.
O Director — Senhores e Senhoras, estes
seminhos respondem a todas as perguntas
que vinguendes lhes dirigir.

Em Ingloz — A todas?

O Director — Sim, senhor, a todas.

O Ingloz — Oh! estimô bastante! Per-

gunta —
— Ha habitantes na lua... e porque?

Isinus asinum fricat.

Em 1819 o Sr. visconde de Arlincourt
conversava com um de seus collegas, o
visconde J. de Walsh, litterato não menos
fustigado do que elle.

— Senhor visconde, lhe disse este ul-
timo, sabemos que somos, vós e eu, os maiores
procedentes da epocha.

— Senhor visconde, replicou o autor do
Solitario, ha por certo meia verdade no
procedimento.

Comprimento.

Uma pessoa, querendo tornar-se agrada-
vel a Alexandre Dumas, lhe disse com toda
a sinceridade:

— Hontem á noite adormeci tendo uma
de suas obras.

Correspondencia.

— Não queres vêr? Filina me es-
ta recommendando-me que lhe res-
ponda, e não me diz onde está.

— Responde-lhe que t'o mande dizer.

— Voude-me a sua mãe, tem eppe? perguntou a condessa.

— Levae, por favor, do Sr. Odoardo, esta carta ao correio, respondeu o criado.

E dizendo estas palavras, elle mostrou a carta á condessa; Lia lançou um olhar rapido sobre o escripto e leu:

« A Sr. ... em Napoles.

— Esta letra, de quella mãe.

O criado portou-se depois.

D'esta vez, não havia mais duvida, era positivamente a uma mulher que elle escrevia, não a mulher que occultava seu nome sob um signal convencional, a outra mulher que por conseguinte desejava conservar-se incognita. Porque, por que mysterio, se elle não encerrava alguma criminosa traição? Dele entrou a condessa forçou seu designio. Ella resolveu dissimular a fim de não se queitar seu marido, e, com uma fortaleza de animo de que ella mesma se julgava incapaz, voltou para o seu quarto, e abrindo a porta que dava para o do comde, dirigio-se a Odoardo, com o sorriso nos labios.

No dia seguinte, Odoardo havia esquecido completamente a preocupação que na vespera notara na physionomia de Lia, e que tanto o inquietára. Lia parecia-lhe mais serena e equanime no futuro do que nunca.

(Continua.)

NOTICIA LITTERARIA.

Vierão-nos n'humas das mãos, remettidos de S. Paulo, essa Athenas brasileira, o n. 4. das « Exercícios da Associação Culto á Sciencia, » os ns. 1.º e 2.º dos « Exercícios Literarios do Club Scientifico, » e dous opusculos intitulados, um — « Harmonias brasileiras, » e outro — a « Voz do Povo e a Voz da Razão. »

A primeira das peças aqui mencionadas é o jornal do mez de Agosto do corrente anno da referida Associação — Culto á Sciencia, jornal onde esperançosos talentos se ensaia com distincto e bom manejo variado da penna. A segunda se compõe igualmente dos primeiros jornaes da recém-nascida associação academica — Club Scientifico e quaes, encerrando as verdes mas preciosas primicias de jovens escriptores que se vão conhecer os primeiros mas arrojados passos dos seus redactores nassemos da imprensa, promettem-nos no futuro mais uma pleiade brilhante de talentos e denodados apostolos das sciencias e das letras.

A 3.ª é uma colleção de cantos nacionaes selectos, publicados pelo Sr. Antonio Joaquim de Almeida, bacharel e bacharelante do Curso Juridico, de quem já tivemos occasião de falar, e que no presente numero desta nossa revista, Grinalda fragrante de matos e flores, e palpitantes de cor e perfume patrios, essa bella colleção de poesias, e de poesias presentes e de mal conhecidos poetas, foi feita com acurada e diligente exactidão do Sr. Odoardo, de mais exquisito paladar, da lingua franceza e portugueza. Chamamos para ella a attenção dos attenedores, cuja appreciação e applauso o autor sahe encômios muito devem agradecer, na carreira de tantos e tantos talentos e cantores da terra de Cabral.

A ultima parte da colleção que apresentamos é uma obra, devida á penna do Sr. Pedro Antonio Ferraz, bacharel e bacharelante do 2.º anno da Faculdade de Direito, escripta em estylo claro e elegante. « Falsas de um Crente » de Lamennais e da « Voz do Povo » de Proudhon, são os temas. Veste-nos em emittir detalhadamente e nosa intenção, e de modo que a leitura do seu livro litterario, á mingoa de uma litteratura paciente e de um povo que se dá ao reflexão e estudo parecem-nos, entretanto, haver, por esse livro, a seguinte — Santos, 10 de Outubro de 1859.

A. P. S.

mulher que se
sorriso que ou
morar-se, nem
amor de Lia, re
a carta por um

Lia ficara no
para seu quarto
e penetrante do
ella não podia
cia não poder su
horas sentada em
torcendo os cab

Ao cabo de du
que voltava: rec
lhe que agora o
chou-a com o fer
sos do conde que
resistio. Fallou
eu, menina, estas

Lia não respon
a voz olhares ard

— Respondeste

Lia calou-se.

Ella ouviu ent
tantes a sua voz
bia o que tinha s
que sua ama havia
calor, se tinha de

— Está bem, d
avisa-me.

E Lia presentiu
mesa. Os dous qu
a chave da porta
a carta que elle
que uma indefiniv
semblante.

— Elle lhe escri

E ella continu
essa porta, corre
quicio de razão q
escrevia e que port

O conde acabou
criado, ordenou-lh
carta que acabava

Era a que Thom

O criado tomou

A condessa corr
de vestir dava pa
que o criado ia tra

... A sua velhas trocaram entre si um
... depois, sem de
... tanto elle se achava inquieto por
... da villa Gordani, tencionando mandar

... de si a seu marido. Deceu então
... e prole continuamente com o olhar inquieto
... não mais bater:
... era um supplicio atroz, que lhe pare
... a morte. Lia permaneceu duas
... a cabeça inclinada sobre o espaldar,
... de ambas as maos.

... gaboiar de um cavallo: era Odoardo
... não poderia vel-o, pareceu
... quando o annua: correu para a porta, fe
... em seu leito. Logo depois ouviu os pas
... a porta: elle tentou abri-la, mas ella
... e Lia percebeu estas palavras: — Sou

... chegou lançou para o lado d'onde partia
... Odoardo.

... onde que se afastava. Após alguns ins
... elle perguntava á criada grave se sa
... poderia, que nada percebera, respondeu
... que, sem duvida fatigada pelo

... Quando a condessa acordar,

... não seu aposento e sentar-se junto de uma
... : Lia levantou-se mansamente, tirou
... De feito, Odoardo estava escrevendo:
... seguramente dictada pelo coração, pois
... de fidelidade, via-se derramada sobre seu

... ou Lia.

... pôz-lhe o sobrescripto, chamou um
... a cavallo e levasse immediatamente a

... particular que do seu quarto
... para o jardim. No momento em
... a condessa.

- Da parte de quem? —
 — Não posso saber, não tenho a audição.
 — E não se lembra?
 — Não se lembra.

Lia prometteu não se lembrar, e depois, com tal esforço que o conde voltou-se: e, de novo, a voz, não de lábios, para beijal-a na fronte, disse:

- Soffres?
 — Não, não me dá a cabeça, respondeu Lia.
 — Mas não se lembra de mim? continuou elle insistindo.

— Eu? não me lembro de nada. O que quereis que eu tenha?

Lia prometteu não se lembrar, e depois, com um sorriso tão amargo, que desta vez Odoardo pôde ver que ella se passava alguma cousa de estranho.

— Escute, não se lembra de mim? ignoro se tens algum motivo de pensar, mas o que eu sei é que tu me contaste me diz que tu soffres.

— Vossa conta me enganou-se, disse Lia: parti tranquillo e não vos inquieteis por isso.

— Posso eu pôr a cabeça sobre-te, ainda que por um instante, quando me esqueceres de ser homem?

— Pois bem, lembra-te que assim o queres, disse Lia fazendo novo esforço sobre si mesma, e voltou para Odoardo, e volta bem depressa. Adeus.

Em quanto ella se ia se passava haviaão sellado o cavallo favorito do conde. Odoardo, de repente, sobre elle e partio despedindo-se de Lia por um aceno. Logo depois de se desapparecer por detraz do primeiro grupo de arvores, ella saltou para um pequeno pavilhão que dominava o terraço e d'onde se avistava toda a estrada de Napoles. D'ahi ella vio Odoardo dirigir-se para a escuridão e toda a brida. Seu coração apertava-se com mais força, porque não podendo pensar que o conde se apressava para mais depressa estar d'ahi, ella acreditou que elle o fazia para afastar-se mais rapidamente.

Odoardo não se lembrou de se lembrar de arranjar um aposento para sua irmã.

A principio elle se lembrou de preparar-lhe um palacio, mas depois assentou que elle não seguiria as instrucções que havia recebido, e que mais valeria ter um quarto bem isolado em algum bairro pouco frequentado.

Achou o que lhe parecia a casa na rua S. Giacomo, numero 11, terceiro andar, em casa de uma *petite-maître* que alugava quartos mobiliados. Assim que escolheu o quarto que destinava á Thereza mandou vir um armador a quem, por um preço que no dia seguinte de manhã as paredes estarião fortadas de cal e o pavimento aleatificado. O armador empenhou-se em fazer do quarto um elegante *boudoir* digno de uma duquesa. O armador não pôde adiantado e com um terço mais do preço que pedira.

O conde não se lembrou da senhoria: ella estava com sua irmã, velha Megéria, e não se lembrou. O conde recommendou-lhe todos os cuidados possiveis para que ella se tornava pensionista. A senhoria perguntou-lhe como se chamava.

O conde não se lembrou de se lembrar de saber-o, que uma mulher joven e linda se apressava para se lembrar, pela contada Giordani, e que era a essa

V. LIBERDADE.

à volonté et d'habitude — O HOMEM.

C'est sur ses bords heureux
Qu'on voit se former la Déesse éternelle,
L'âme, les grands travaux, l'objet des nobles vœux,
Le motif d'indignes embrasas, ou d'âmes
Qui se font pour les courus, et dont le nom sans
Dout, des cours des tyrans est tout bas adoré,
La Liberté!

VOLTAIRE.

There is a good time coming
Men of thought and men of action clear the way!

WORDS BY CHARLES MACKAY.

Depois da... a liberdade da humanidade é a Liberdade! colles quemol-a. pois... grande familia... tões que a... que esta palavra... do Tigre;... cadas á seu... res!.... infanzia... fruirem-se os... não calcarem... da primeira... sobre a terra... do orbe fervor... costas inhospita... perillie da... final te pertenc... dominador... por teu nome... midaveis batalhas... em outras a... meio delles pl... nos envolvem... es, apesar das... gencia, da elu... as produções... do bem geral... dade que algu... projectos aniquil...

Bruto subou... que um phant... — Liberdade... do infortunio... arrebatava!... daquelles da... grande edifica... pois de dar... deira dos Cuat...

— Não... senhor... não... não... minha filha me espera... eu não posso demorar-me muito tempo... não posso...

— Sua filha? você a tem ainda viva?

— Sim, senhor... viva e bem... bem... bem doente.

— Doente?... e de que?

— Oh! senhor... uma doença...

A pobre mulher pronunciou as palavras de um modo tão profundamente angustiado, com uma expressão tão desesperada, que estremeci interiormente.

A ideia de uma enfermidade horrível e incurável que na provincia de S. Paulo, em certos lugares principaes, já se tinha sentida e tem minado numerosas existencias, me assaltara o coração.

— Mas qual é a doença que affligue a sua filha?

— Uma doença, senhor, que é mil vezes peor do que a morte... porque é o martyrio d'ella... e o meu grande tormento.

— É como é que ella está n'este estado?

— Como ella cahio?... oh!... uma historia muito comprida... um malvado...

— Um malvado?!..

— Foi a causa da morte...

— Como?

— Roubou a honra e desmarchou e com ella a sua razão.

— Ah!..

Eu me havia enganado em meus sentimentos. Não era a morphéa a enfermidade que soffria a filha da pobre mulher, era a loucura.

— Uma esmola por amor de Deus... senhor... e para ella... a quem deixei só em casa... gritando que não tinha pão... que queria comer pão!..

— Tome, pobre mulher... aqui... deixando-lhe uma nota de cinco mil reis que fôra buscar, correndo, á porta da minha mesa. Vá já comprar pão para a sua filha.

— Obrigada, meu senhor... que Nossa Senhora da Penha o ajude!.. Deus lhe ha de dar a recompensa...

E ia a retirar-se. Um pensamento que me occorreu; tomei de subito uma resolução.

— Espere, mulher, eu quero ver a sua filha.

— Comigo?!

— Sim... vou á sua casa para ver a sua filha.

— A minha casa, senhor... está muito longe d'aqui... n'uma casinha muito ruim no fim da rua da...

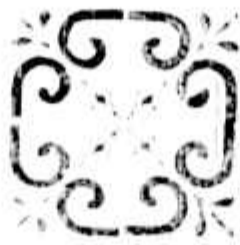
— Não faz mal... Espere por um momento.

Entrei para dentro da sala, onde estava sozinho; o meu moleque appareceu; pedi-lhe o meu sobretudo, e havendo-o recebido, ordenei-lhe que fechasse a porta da sala e me guardasse o chá: mandei-o depois para o corredor, onde a pobre mulher me aguardava ansiosa.

— Vamos, lhe disse.

E sahimos.

(Continua.)



nes feia nem uma palavra, apesar do seu qumtal de algumas bracas de fundas do seu manto de lã de deita, onde se abajava um dos meus dous compaheiros, posta no pedestal de um lecto.

Entrando esse dia tinha perdido luz o meu moleque, e, sentado á banca na sala, dera comecço á revisão da lãca escolastica do dia seguinte.

Duas horas havia que eu meditava sobre as questoes de direito natural suscitadas pelo competido da aula, soccorrendo-me para resolve-las aos poderosos subsidios das opinioes de Alencar de Belime, autores abalisados sobre a materia, isto é, acabavam, como d'ella a principio, de soar oito horas da noite no sino da Sé, quando fui surpreendido por leves pancadas dadas por mão tímida na porta do corredor.

— Quem é? perguntei, depois de haver escutado em silencio por alguns instantes.

— Sou eu... a pobre mulher, me respondeu uma voz fraca e tremula.

— Uma pobre mulher?... a esta hora?!... disse eu admirado e á meia voz, fallando com elle como se elle me fosse conhecido.

— Uma... uma estudante por amor de Deos, retorquiu-me a mesma fallia a custo.

— Ah! e qual?

Levantei-me, lancei-me sobre a mesa algumas moedas de cobre que alli estavam por acaso, e entrei-me com o castiçal na mão para a porta. Abri-a.

Achei-me diante de uma mulher envolta em um panno escuro e que me pareceu um pedaço de bosta preta já ruço e esburacado aqui e alli por um excessivo uso. O castiçal que ella trazia era tambem escuro ou preto e já bastante estragado. Levantei-me e dei-lhe o castiçal que tinha na mão, afim de allumiar-lhe e poder ver-lhe o rosto. Era uma mulher pallida, emmagrecida pelos soffrimentos ou pela má-estada, rosto sulcado de rugas precoces, olhos amortecidos e orlados de entulho e de lagrimas, cabellos raros e quasi de todo encanecidos.

A expressão de sua physionomia n'esse momento era a um tempo e de mistura a do punzil da necessidade palpitante e a do sentimento da propria vergonha — era um lutar nobre, mas visivel entre a natureza imperiosa nos seus appetites e a vontade de se abajar e de se aborrecer ao triste exercicio da mendicidade; mas n'esse lutar intimo o triumpho da natureza e da necessidade era certo.

Estas observações, eu as fiz silenciosamente durante alguns instantes. A pobre mulher, sentindo-se a cada vez se ver objecto de uma curiosa analyse, abajou com acanhamento os olhos e de novo balbuciou:

— Uma esmola; por amor de Deos!

D'esta vez a sua voz patetico-me repassada de intima amargura, as suas palavras semelhavao-me mais a uma supplica do que a um gemido.

— Mulher! quem é vossê? porque está tão commovida? parece que é a primeira vez que se dá a pedir!...

Cousa notavel! Não era essa por certo a primeira mulher que, envolta na classica mantilha e occultando a vergonha nas trevas, tinha vindo bater a horas taes á minha porta e implorar a minha caridade, mas em quanto as outras havião provocado de minha parte um simples olhar de piedade e a modesta mas infallivel esmola do estudante, esta me interessava profundamente pelo seu aspecto triste e soffredor e a sua attitudé miseravel, mas digna, me apertava o coração.

A's minhas palavras a pobre mulher, longe de me responder, inclinou a cabeça sobre o peitão e entre duas lagrimas bailarem-lhe nos olhos. A minha curiosidade subia de ponto. A scena muda da parte da mendiga não era uma pantomima, uma farandola, representada com estudada hypocrisia e já mais de uma vez reproduzida talvez com successo; era a linguagem propria da pobreza altiva que a necessidade não se dá de der até a degradação, mas que o fazendo, se envergonha e cõra da propria conducta.

A miseria, quanto a elle procede, e eradora de respeito. Pensando d'estarte, tomei outra vez a palavra e disse á pobre mulher do modo o mais humano e que procurei fazer sempre allavel possível:

— Mulher, o que me interessando deveras por vossê... Desejo saber quem vossê é... Quem é a mãe da historia... Entre e venha sentar-se, continuei offerecendo-lhe a cadeira de lãca de seda; entre sem receio, estou só em casa, e poderemos conversar a vontade.

rismos do Velho de Gó, formando um novo apostolado pelos dictames do Hahnemann, de envolvendo-se uns e outros nos certames da sciencia, formando-se e deo campos pela dixerca oppositas — *contraria contraria, similia similibus*. — Observa-se tambem o funcionalismo, já em relevo, já nos diversos matizes de seus attributos, ora em consequencia de seus actos, ora pelo maior ou menor fundo de erudicao em seus discursos ou decisoes, ora tentando deparar, e a vezes pelo sarcasmo desabrido, ou pelo doesto insultuoso do descontente, do emulo, e quiza do calumniador. Apresentão-se igualmente novas cores, abundantes variedades. Ora os vãos dos vates, ora os panegyricos dos admiradores, ora os gratos votos dos reconhecidos, ora os desatagos do orgulho, do desforço nobre, e até da vaidade mesquinha; ora os assomos e galhardias do mancebo fogoso e entusiasta, que pretende a acquisição de proselytismo pelo pasmo que resulte de seus arroj os em torrentes. Em uma palavra, todo o amalgama litterario, industrial, economico e administrativo por onde é geralmente avaliado o gráo de progresso em nossa civilisação.

Todavia não é em nosso pensar sufficiente a diminuta parte que apparece a longinquo espaço sobre um ou outro phenomeno cosmologico. É mui limitado o que se offerece ás massas populares, pelo que respeita ao estudo do Universo em sua organisação, sendo aliás este o mais profundo, o mais maravilhoso, e que nunca será em demasia perscrutado e comprehendido, embora o homem, por essa supremacia que em si reconhece sobre os mais entes, se torne orgulhoso e emprehendedor, elevando a ousadia de seus pensamentos a progredir incessante em analyses e raciocinios no anhêlo de descobrir, em tudo que se lhe offerece á observação e exame, regras e normas para systemar desde a origem, em analogia a si, em harmonia com a propria existencia, como elle a comprehende. Se no decurso de seculos apenas um ou outro acerto lhe resulta, consequencia, já do complexo de idéas suggeridas e coordenadas pelo senso intimo individual, ou pelas impressões externas recebidas mais ou menos compostas, já dos methodos applicados nas reflexões, calculos e combinações discriminadas, esse acerto, esse atomo da verdade nunca satisfaz inteiramente, porque nada avulta nos complicadissimos problemas a resolver, sendo de nossa indole o procurarmos a evidencia, por mais difficil que a conceituemos, por mais distante que a reconheçamos em sua superioridade para com as imperfeições de nosso espirite limitado: e se ha sciencia a que com razão se possa adoptar a maxima de que *a parte d'ella que se ignora constitue a do leão* é sem duvida a Astronomia, apesar dos subsidios que lhe ministra a optica, a mechanica, e grande parte das mathematicas.

Deliberamos pois tomar a nós o offerecer patentes ao alcance do leitor menos versado alguns apontamentos historico-cosmicos. — Dizemos ao leitor menos versado porque reconhecemos a nenhuma vantagem para os profissionaes de quanto poderemos colligir sobre tão transcendente objecto com nossa tosca e inhabil penna. Tomamos a ousadia de rabiscar algumas linhas a tal respeito, pelo desejo de vulgarisar uma ou outra das respectivas noções, diffundindo-as, se bem que superficialmente, nas massas populares, por meio d'este periodico. Sabemos que muito mais do que possamos esclarecer existe escripto em livros; estes porem se não achão ordinariamente ao alcance das mesmas massas, as quaes em consequencia sempre aproveitarão